



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Animal Business Brasil

Data: 07/05/2015

Caderno/Link: Pág. 18

Assunto: Comércio internacional de cavalos

Comércio internacional de cavalos

Por: Marina Marangon Moreira, Rodrigo Degelo Lorenzon, graduandos, e
Roberto Arruda de Souza Lima, Prof. Dr. da ESALQ/USP

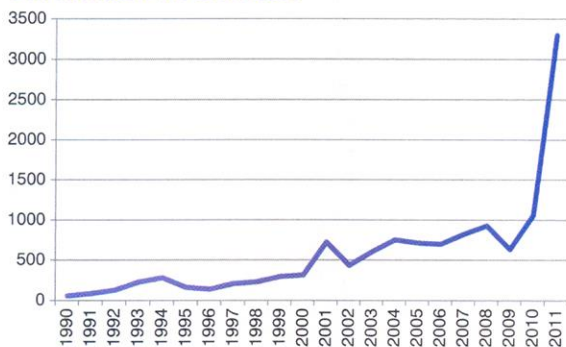


GTC Brasil

O potencial brasileiro no comércio mundial de cavalos é superior ao desempenho apresentado nos últimos anos, tanto em exportações quanto nas importações. Neste artigo é apresentada uma breve análise da evolução observada nos anos recentes até as últimas informações disponíveis e, em seguida, discutida a evolução recente e perspectivas para o comércio internacional de cavalos vivos.

Os dados mais recentes disponíveis na FAO referem-se ao ano de 2011. Conforme pode ser observado na Figura 1, a quantidade de cavalos vivos exportada pelo Brasil a partir do ano 1990, cresceu ao longo do período, sendo que houve significativo aumento a partir do ano de 2009, aproximando-se de 3,5 mil animais em 2011.

Figura 1 – Brasil: Exportação de cavalos vivos, em número de animais.

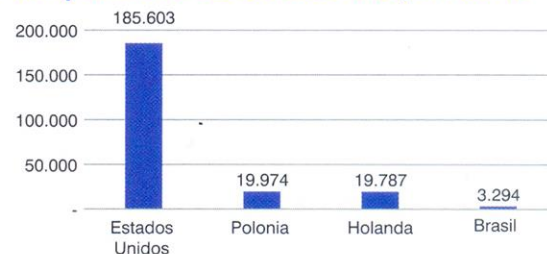


Fonte: FAO (2014)

O principal exportador de cavalos mundialmente são os Estados Unidos, em segundo lugar com quase dez vezes menos volume de ex-

portação está a Polônia, seguida de perto pela Holanda (Figura 2).

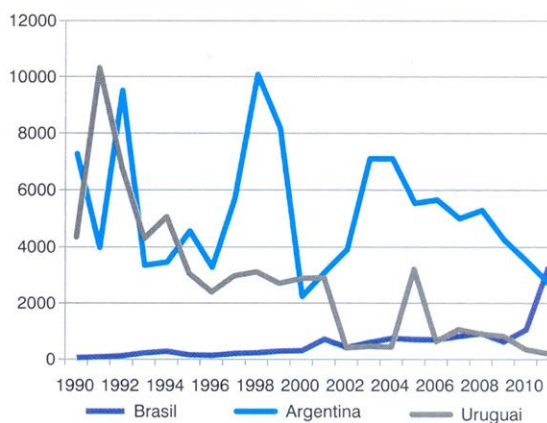
Figura 2 – Três maiores exportadores e Brasil, em quantidade de cavalos vivos, em 2011.



Fonte: FAO (2014)

Ao se analisar a posição do Brasil perante os principais exportadores mundiais, verifica-se que esta não é muito expressiva. Porém, ao se analisar os principais países inseridos na atividade no Mercosul (Uruguai e Argentina), observa-se que nos últimos anos o Brasil vem crescendo em números de animais exportados, ultrapassando recentemente o Uruguai e a Argentina, que tem apresentado queda nas exportações (Figura 3).

Figura 3 – Evolução das exportações de cavalos vivos do Brasil, Argentina e Uruguai, de 1990 a 2011.



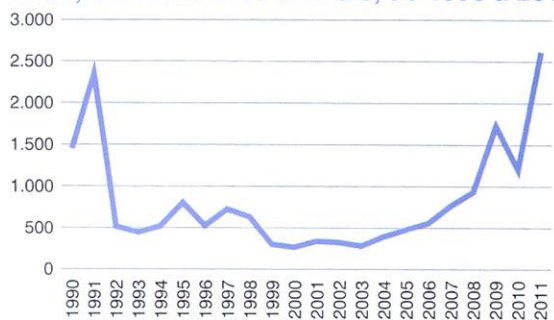
Fonte: FAO (2014)

Posição do Brasil

A Figura 4 apresenta dados da quantidade de cavalos vivos importada pelo Brasil entre os anos de 1990 e 2011. A importação apresentou

uma queda entre os anos de 1992 e 2009, mas voltou a crescer no ano de 2010.

Figura 4 – Brasil: Importações de cavalos vivos, em número de animais, de 1990 a 2011.



Fonte: FAO (2014)

Os containers de transporte aéreo de cavalos são projetados de forma a evitar que os animais se machuquem durante a viagem



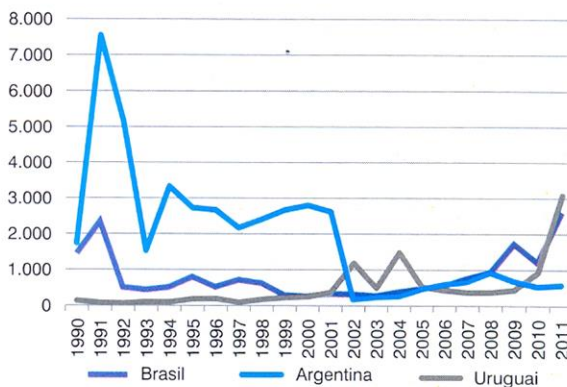
GTC Brasil



A tributação e a burocracia são barreiras que impedem o crescimento do transporte e a importação de cavalos

Ao analisar os países do Mercosul na importação, devido a quedas ocorridas nas importações, tanto do Uruguai quanto da Argentina, o Brasil se destaca entre eles nos últimos anos.

Figura 5 – Importação de cavalos vivos, Brasil, Uruguai e Argentina, de 1990 a 2011.

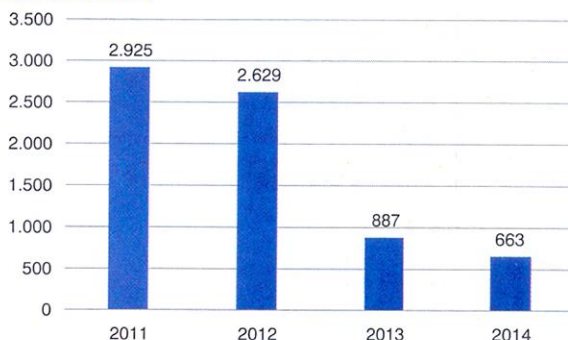


Fonte: FAO (2014)

As mudanças recentes

O forte crescimento das importações brasileiras no final do período apresentado nas Figuras 1 e 4 deve-se, em parte, à edição da Instrução normativa n. 1 da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo do MAPA, de 29 de dezembro de 2009. Essa Portaria aprovou as normas técnicas para importação e exportação de equídeos para reprodução, competições de hipismo e provas funcionais. Entretanto, essa tendência reverteu-se nos últimos anos, conforme ilustrado na Figura 6.

Figura 6 – Brasil: Importação de cavalos vivos no período de 2011 a 2014, em número de animais.



Fonte: VIGIAGRO (2015)



Toda movimentação dos cavalos é suave para reduzir o estresse dos animais, que sempre são acompanhados de veterinários em toda a viagem

Entre diversos fatores que ocasionaram essa reversão está a confirmação de casos de Mormo no Brasil. O Mormo é uma doença infecto-contagiosa dos equídeos que pode ser transmitida a outros animais e também ao homem, a contaminação ocorre pelo contato com material infectante (fezes, urina, pus ou secreção nasal). O controle da doença é muito difícil e deve ser realizado com cautela¹, isolando a área que contém animais doentes, sacrifício desses animais positivos, cremação dos corpos, e, por fim, a desinfecção de todo material que entrou em contato com esses animais.

Com casos de Mormo confirmados no Brasil², essa doença tem consequências diretas na equinocultura, como, por exemplo, no transporte de cavalos. Todos os animais transportados, tanto interestadual quanto internacionalmente, devem apresentar comprovante de exame negativo de Mormo.

Todos os dados considerados neste artigo são dados oficiais, ou seja, todo mercado que é realizado seguindo todos os padrões exigidos.

¹ O MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) oferece uma cartilha com as Normas para o controle e erradicação do mormo.

² O Brasil é um dos poucos países da Organização Internacional de Saúde Animal em que há registros da doença.

Porém, é possível afirmar que ainda existem formas irregulares desse tipo de comércio para diminuir os gastos que existem com tributação, de modo que é possível que tenha ocorrido subterfúgio, mas a tendência não deve ser alterada.

O potencial do Brasil é elevado

A tributação e a burocracia existentes para que o transporte e demais atividades ligadas às importações e exportações de animais vivos ocorra é uma barreira que impede o crescimento dessas áreas. Além dos custos com tributos e burocracias, a vigilância sanitária também é um aspecto que diminui o alcance desse mercado. Cada vez mais são exigidas normas e regras necessárias para garantir a segurança, tanto dos animais quanto das pessoas envolvidas no processo, o que eleva custos com exames (alguns com eficácia questionada por diversos agentes) e veterinários para o acompanhamento do animal. Entretanto, o potencial do Brasil é elevado, tanto na importação quanto na exportação, bastando que ocorra esforço dos agentes públicos e privados ligados ao comércio internacional para eliminar barreiras existentes, especialmente foco nos aspectos sanitários (destacando o combate ao mormo).